

existencias, como frangalhos de papel, rodopiando ao vento. Voltei, para dizer aos que não pude interpretar no meu cepticismo de sofredor:

— “Não sois os candidatos ao casarão da Praia Vermelha. Plantai, pois, nas almas a palmeira da esperança. Mais tarde, ela desdobrará sobre as vossas cabeças encanecidas os seus leques enseivados e verdes...”

Eu posso acrescentar, como o neto de Marco Aurelio, no tocante á morte que me arrebatou da prisão nevoenta da Terra: — “É a minha carta de alforria... Agora posso ir onde quero.”

Os armargores do mundo eram pesados demais para o meu coração.

28 de março de 1935.

### AOS MEUS FILHOS

Meus filhos, venho falar a vocês como alguém que abandonasse a noite de Tiresias, no carro fulgurante de Apolo, subindo aos cumes dourados e perfumosos do Helicon. Tudo é harmonia e beleza, na companhia dos numes e dos genios, mas o pensamento de um cego, em reabrindo os olhos nas rutilancias da luz, é para

os que ficaram, lá longe, dentro da noite, onde apenas a esperança é uma estrela de luz doce e triste.

Não venho da minha casa subterranea de São João Baptista, como os mortos que os laraprios, ás vezes, fazem regressar aos tormentos da Terra, por mal dos seus peccados. Na derradeira morada do meu corpo ficaram os meus olhos enfermos e as minhas indisposições organicas. Cá estou, como se houvesse sorvido um nectar de juventude, no banquete dos deuses.

Entretanto, meus filhos, levanta-se entre nós um rochedo de misterio e de silencio.

Eu sou eu. Fui o pai de vocês e vocês foram meus filhos. Agora, somos irmãos. Nada ha de mais belo do que a lei de solidariedade fraterna, delineada pelo Criador na sua gloria inacessivel. A morte não suprimiu a minha afetividade e ainda possuo o coração de homem, para o qual vocês são as melhores criaturas desse mundo.

Dizem que Orfeu, quando tangia as cordas de sua lira, sensibilizava as fêras que se agrupavam enternecidas para escuta-lo. As arvores vinham de longe, transportadas na sua harmonia. Os rios sustavam o curso das suas correntes impetuosas, quedando-se para ouvi-lo. Havia deslumbramentos na paisagem musicalizada. A morte, meus filhos, cantou para mim, tocando o seu alaúde. Todas as minhas con-

vicções deixaram os seus lugares primitivos, para sentir a grandeza do seu canto.

Não posso transmitir esse misterio maravilhoso, através dos metodos imperfeitos de que disponho. E, se pudesse, existe agora entre nós o fantasma da dúvida.

Convidado pelo Senhor, eu tambem estive no banquete da vida. Não nos palacios da popularidade ou da juventude efemera, mas no átrio pobre e triste do sofrimento, onde se conservam temporariamente os mendigos da sua casa. Minha primeira dor foi a minha primeira luz. E quando os infortunios formaram uma teia imensa de amarguras para o meu destino, senti-me na posse do celeiro de claridades da sabedoria. Minhas dores eram a minha prosperidade. Porém, qual o cortezão de Dionisio, vi a dúvida, como espada afiadissima, balouçando-se sobre a minha cabeça. Aí, na Terra, entre a crença e a descrença, está sempre ela, a espada de Damocles. Isso é uma fatalidade.

Venho até vocês cheio de amorosa ternura e se não me posso individualizar, apresentando-me como o pai carinhoso, não podem vocês garantir a impossibilidade da minha sobrevivencia. A dúvida entre nós é como a noite. O amor, entretanto, luariza estas sombras. Um morto, como eu, não pode esperar a certeza ou a negação dos vivos que receberem a sua mensa-

gem, para a qual ha de prevalecer o argumento dubitativo. E nem pode exigir outra coisa quem no mundo não procederia de outra fórma.

Sinto hoje, mais que nunca, a necessidade de me impessoalizar, de ser novamente o filho ignorado de Dona Anica, a bôa e santa velhinha, que continúa sendo para a mim a mais santa das mães. Tenho necessidade de me esquecer de mim mesmo. Todavia, antes que se cumpra este meu desejo, volto para falar a vocês paternalmente, como no tempo em que destruia o fosfato do cerebro afim de adquirir combustivel para o estomago.

— Meus filhos !... meus filhos !... estou vivendo... Não me vêem ?... Mas, olhem, olhem o meu coração como está batendo ainda por vocês !...

Aqui, meus filhos, não me perguntaram se eu havia descido gloriosamente as escadas do Petit Trianon; não fui inquirido a respeito dos meus triunfos literarios e não me solicitaram informes sobre o meu fardão academico. Em compensação, fui arguido acerca das causas dos humildes e dos infortunados, pelas quais me bati.

Vivam, pois, com prudencia, na superficie desse mundo de futilidades e de glorias vãs.

Num dos mais delicados poemas de Wilde, as Orcades lamentam a morte de Narciso, junto



de sua fonte predileta, transformada numa taça de lágrimas.

— Não nos admira — suspiram elas — que tanto tenhas chorado !... Era tão lindo !...

— Era belo Narciso ? — perguntou o lago.

— Quem melhor do que tu poderia sabe-lo, se nos desprezava a todas para estender-se nas relvas da tua margem, baixando os olhos para contemplar, no diamante da tua onda, a sua formosura ?...

A fonte respondeu:

— Eu adorava Narciso, porque quando me procurava com os olhos, eu via, no espelho das suas pupilas, o reflexo da minha propria beleza.

Em sua generalidade, meus filhos, os homens, quando não são Narciso, enamorados de sua propria formosura, são a fonte de Narciso.

Não venho exortar a vocês como sacerdote; conheço de sobra as fraquezas humanas. Vivam, porém, a vida do trabalho e da saúde, longe da vaidade corrutora. E, na religião da consciencia retilínea, não se esqueçam de rezar. Eu, que era um homem tão perverso e tão triste, estou aprendendo de novo a minha prece, como fazia na infancia, ao pé de minha mãe, na Parnaíba.

Venham, meus filhos !... Ajoelhemos de mãos postas... Não vêem que cheguei de tão longe ?! Fui mais feliz que o Rico e o Lazaro

da parabola, que não puderam voltar... Ajoelhemos no templo do Espirito; inclinem vocês a fronte sobre o meu coração. Cabem todos nos meus braços ? Cabem, sim...

Vamos rezar com o pensamento em Deus, com a alma no infinito. Padre Nosso... que estais no céu... santificado seja o vosso nome...

8 de abril de 1935.

## NA MANSÃO DOS MORTOS

— O amigo sabe que os fotografos ingleses registraram a presença de Sir Conan Doyle, no enterro de Lady Gaillard ?

Esta pergunta me foi dirigida pelo coronel C. da C. (1), que eu conhecera numa das minhas viagens pelo Nordeste. O coronel lia, por desfastio, as minhas crônicas e em poucos minutos nos tornámos camaradas. Ha muito tempo, todavia, soubera eu da sua passagem para o outro mundo, em virtude de uma arterio esclerose generalizada. Tempo vai, tempo

---

(1) No original da mensagem foram dados por extenso os nomes das pessoas nela mencionadas. Como, porém, essas pessoas deixam descendentes, que poderiam molestar-se com as referencias que lhes fez Humberto de Campos, resolvemos indica-las apenas pelas suas iniciais.